

**Thom Pain
Lady Grey**
de Will Eno

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

TEATRO 21, 22, 23, 24 E 25 DE FEVEREIRO

21h30 · Pequeno Auditório · Duração 1h40

Um espectáculo .ilástico

Autor Will Eno **Títulos originais** *Thom Pain (Based on nothing)*, *Lady Grey (In ever lower light)*

Tradução Jacinto Lucas Pires (*Thom Pain*) e Marcos Barbosa (*Lady Grey*) **Direcção e Encenação** Marcos Barbosa

Dramaturgia Jacinto Lucas Pires **Com** Catarina Requeijo e Marcos Barbosa **Cenografia, Figurinos e Grafismo** Sara Amado **Desenho de Luz** José Álvaro Correia

Uma co-produção .ilástico / Culturgest / Casa das Artes (Famalicão)

Outras apresentações: 3 e 4 de Março na Casa das Artes (Famalicão)

Conversas com o público após o espectáculo nos dias 23 e 25



O espectáculo

Uma mulher, um homem, sozinhos, num espaço. Ela com um segredo, ele em, digamos, desequilíbrio. Os dois intensamente vivos, ali, no palco, expostos à presença próxima e expectante do público, criando um jogo de gestos mínimos, provocando um encontro.

É uma peça surpresa, que na verdade são duas peças, e que traz um terceiro personagem misterioso, que aparece, finalmente, nesse momento mágico em que as palavras ganham o corpo sério e trágico da verdadeira comédia.

Um espectáculo que, partindo da forma convencional do monólogo, se constrói na direcção da ficção, num exercício de contenção de meios e movimentos. Comprimir a vida no corpo do actor, de modo a que cada palavra, cada pequeno gesto, provoque no espectador o desejo de agir.

Regressamos com Will Eno à tradução de textos de autores contemporâneos, num recomeço que, como em 1999 com *Variações sobre os Patos* de David Mamet, pretendemos que seja o início de um novo ciclo .lilástico.

Marcos Barbosa

Os textos

Mulheres complicadas / Homens tentativos

Lady Grey (sob uma luz cada vez mais baixa) – o primeiro monólogo deste espectáculo – é o texto de um texto, digamos assim, palavras que se sabem palavras. Nele uma actriz tenta preencher o silêncio para, finalmente, eventualmente, conseguir agir. Num certo sentido, não se trata de uma história mas de uma pré-história. Primeiro há que estabelecer uma convenção qualquer, um punhado de regras, depois logo se verá. De um lado, uma mulher cinzenta, com uma espécie de segredo, como é normal. Uma actriz com o repertório habitual de técnicas, ilusões e medos. E, do outro... “um público, certo?”

Este é um texto concentrado, intrincado, sem resolução mas com solução. Uma mulher parada, vinda de muito longe. Como que se imaginando, contra si própria. O que é verdade e o que é fantasia? Quanto é que se tem de acumular para se chegar a uma revelação essencial? Qual é, no fim do caminho, o poder da palavra?

A mulher conta uma história, ou duas, para se tornar alguém. Como alguém. Uma

pessoa de ficção. “Isto não funciona, a minha vida, sem pessoas sentadas aí, a olhar.” Uma mulher complicando-se e complicando-se até ganhar uma densidade, e poder entrar na história a que tem direito. Quais as frases de chegar ao princípio?

E depois, de novo, começa: um homem no escuro. Não um escuro qualquer, nenhum escuro comum, mas o escuro especialíssimo de um palco de teatro. Uma escuridão histórica, dir-se-ia, solene. E um pouco fria também. Mas, logo de entrada, o que é que acontece? O homem falha. Não é um falhanço tremendo, nada de mais. Nenhum estrondo espectacular, senhoras e senhores, nenhuma palhaçada de deitar a casa abaixo, não. Um erro normal, desimportante, previsível até, uma pequena gafe, uma gralha. Acontece, é a vida. E, de qualquer modo, o pobre coitado parece recompor-se, recuperar-se, de novo dono de si. Mas, de imediato, pás, pum!, falha outra vez.

E é assim que, falhando até o falhanço, este Thom vai surgindo à nossa frente. “Ai a tentar, coitado do Thom. Coitado do Thom, frio como o caralho.”

Um texto construído a partir do Nada, como é próprio da melhor comédia. Um texto não cómico que se interessa por todo o tipo de buracos: buracos no corpo, na infância, na felicidade, na linguagem. Uma peça feita de negação constante. Até chegar, portanto, à negação da negação. Uma afirmação ao contrário. Um homem que olha a sua figura por um momento e, num misto de surpresa e desilusão, diz apenas: “Ah, eu.”

Um texto estranho, e estranhamente claro, feito da contradição menos dúbia e da provocação mais dura.

E uma peça que, se não é nenhum exercício de *stand-up*, não deixa de ser, em grande parte, uma espécie de ensaio sobre estar de pé, sozinho, em palco. À espera de coisa nenhuma, como em Beckett, aceitando o jogo das histórias, como nos outros todos. Mas também ficando sempre a meio, sempre com um pé de fora – a tal auto-negação permanente. Uma peça sobre cada coisa e o seu contrário, que, tecnicamente, é um monólogo com duas “personagens”: Thom Pain e o Público. E o pobre Thom é, ele próprio, uma espécie de actor-personagem-público. Alguém que, igual a nós (nada igual a nós!), precisa de ficções para ordenar as memórias e desejos, e preencher o tempo presente.

E, depois disso tudo, assente toda a poeira, há ainda a forma maravilhosa, comovente quase, como o truque mais simples ainda nos consegue apanhar em falso.

Thom Pain (baseado em nada), de Will Eno, é a construção – múltipla, rigorosíssima – de uma hesitação monumental. Absoluta quase, dir-se-ia. Um texto sobre o discurso e a exposição física, o medo e a narração, sobre os artifícios e os limites do teatro, e no fim da linha – por um certo inesperado avesso – sobre a própria alegria de estar vivo. Vivo em palco e vivo no público. Vivo ao vivo. Um texto que, na sua aparente leveza, fala dos mais sérios absurdos humanos, não se furtando a quase nada. E

uma peça que consegue o feito louco de ir avançando às arrechuas.

Will Eno, de quem já se disse ser descendente de Beckett e Albee, é dono de uma voz original e poderosa que faz das contradições forças e da banalidade iluminações. A sua escrita não se esgota no humor nem numa simples estratégia de – palavra horrível – “desconstrução”. As suas não-personagens são artificiosas para serem verdadeiras, as suas gargalhadas carregam tristezas mortais. Mas – “não é óptimo estar vivo?”

Jacinto Lucas Pires

O autor

Will Eno nasceu em 1965 em Lowell, Massachussets e vive em Brooklyn. Escreveu *Tragedy: a tragedy* (Gate Theatre, 2001), *The Flu Season* (Gate Theatre, 2003), *Kid Blanco, King: a problem play*, *Intermission* e *Oh, The Humanity*; está a trabalhar numa adaptação de *Peer Gynt* de Ibsen. As suas peças foram produzidas no Reino Unido pelo Gate Theatre, o Soho Theatre e a BBC Radio; em Nova Iorque pelos Rude Mechanicals, a NY Power Company e os Naked Angels. Foi ainda representado em Berlim, Sidney e São Paulo. Charles Isherwood, crítico do New York Times, numa recensão a *Thom Pain*, chamou-lhe “um Samuel Beckett para a geração Jon Stewart”.

Thom Pain (based on nothing) estreou a 5 de Agosto de 2004 no Pleasance Courtyard, no Festival de Edimburgo, com interpretação de James Urbaniak e encenação de Hal Brooks, numa co-produção da Soho Theatre Company com Chantal Arts + Theatre e Naked Angels. Aí ganhou os prémios Fringe First e Herald Angel. Foi depois apresentado em Londres, no Soho Theatre, a 3 de Setembro. Em Nova Iorque, estreou a 1 de Fevereiro de 2005 no DR2 Theatre.



© Sara Amado

A companhia

O .lilástico foi fundado em 1999.

Em 2000 o grupo estreou *Variações sobre os Patos*, de David Mamet, no convento de São Vicente de Fora, em Lisboa; o espectáculo esteve um mês em cena e depois foi apresentado na Trofa e no México (Teatro de La Ciudad de Monterrey), num total de 50 apresentações.

Em 2001 apresentou no Porto, no Espaço Maus Hábitos, *Escrever, falar*, de Jacinto Lucas Pires; em Junho de 2002 a peça foi apresentada em Tondela, no Acert; e em finais de Julho do mesmo ano em Lisboa, no Teatro Nacional D. Maria II, na sala-estúdio. Foi reposta no Porto, em Abril de 2004 no âmbito da mostra Porto Go Phone, no Teatro Rivoli.

No fundo no fundo de Jacinto Lucas Pires, o terceiro espectáculo do .lilástico, estreou no final de Agosto em Faro, no Centro de Artes Performativas do Algarve; inseriu-se na

iniciativa “Escritas por medida”, do Dramat – Centro de Dramaturgia Contemporânea do Teatro Nacional de S. João, e foi também apresentado em Lisboa – Teatro da Garagem –, no Porto – Teatro Helena Sá e Costa – e em Famalicão – Casa das Artes.

Em Junho de 2003 apresentou no Porto *Os Dias de Hoje*, um texto original de Jacinto Lucas Pires, integrado na programação do FITAE. O espectáculo esteve depois em Famalicão na Casa das Artes em Setembro do mesmo ano.

Coimbra b de Jacinto Lucas Pires estreou em Coimbra em Outubro de 2003 integrado na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003.

Perdoar Helena de José Tolentino Mendonça esteve em cena em Lisboa no Teatro Taborda em Abril de 2005. Foi apresentado em Faro, no CAPa, em Junho de mesmo ano.



MARCOS BARBOSA

Nasceu a 5 de Novembro de 1973, em Lisboa. Frequentou o curso de Teatro na Mountview Theatre School, em Londres (1995/1996), o Curso de Teatro com o Diakonon Physical Theatre, em Londres (1996/1997) e o Curso de Teatro na École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq, em Paris (1998/1999). Estreou-se como profissional em Portugal no espectáculo *Roberto Zucco*, de B.-M. Koltès, Teatro Só, Porto, 1998; participou ainda na *Queima do Judas*, Porto, produzido pela Culturporto. É fundador e director artístico do .lilástico, para o qual encenou: *Variações Sobre os Patos*, de David Mamet, onde também participou como actor; *Escrever, falar, No fundo no fundo* (onde também participou como actor), *Os dias de Hoje e Coimbra B* de Jacinto Lucas Pires; *Perdoar Helena* de José Tolentino Mendonça. Encenou ainda: *Pervertimentos*, de José Sinisterra, com o grupo La Percha Teatro, Monterrey, México, 2001 (primeiro prémio da Mostra Estatal de Teatro de Nuevo León, Junho de 2002); *Montras de solidão*, projecto do Porto 2001; *Corazón Transparente*, de Jacinto Lucas Pires, inserido no Encontro de Teatro de Nuevo León, Monterrey, 2004 (menção para melhor trabalho experimental); *Oximoro*, apresentado no Teatro de la Ciudad de Monterrey, no Centro Cultural Helénico, na Cidade do México, 2005 e em 2006 na Casa das Artes de Famacilção. Foi professor de encenação, interpretação e didáctica do teatro na Faculdade de artes cénicas, na Universidade Autónoma de Nuevo León, 2004/2005. Orienta oficinas de teatro e movimento criativo.

CATARINA REQUEIJO

Nasceu em 1973, em Angola. Tem o curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Iniciou o seu percurso como actriz em 1991, no Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), onde trabalhou com os encenadores Manuel Sardinha, Jorge Fraga, Rogério de Carvalho e João Grosso. Profissionalmente trabalhou, entre outros, com Konrad Zschiedrich (*Leôncio e Lena*, 1995), Luís Castro (*Paz 29*, 1997), Tiago Rodrigues (*O Menino de Belém*, 1998) e Luís Miguel Cintra (*Amor/Enganos*, 2000). Co-encenou e interpretou, com Joana Seixas, *In-ter-va-lo* (1999) de Jaime Salazar Sampaio, e, com Luís Gaspar, *Morrer* (1999) de José Maria Vieira Mendes, a partir da novela homónima de Arthur Schnitzler. Desenvolveu um trabalho regular na área da poesia, participando e organizando vários recitais. Participou em séries televisivas e no programa *Portugalmente*. Dos seus mais recentes trabalhos fazem parte as participações em *Amok* (2002) de Jacinto Lucas Pires a partir de Stefan Zweig, enc. Luís Gaspar; *Coimbra b* (2003) de Jacinto Lucas Pires, enc. Marcos Barbosa; *Parasitas* (2003) de Marius von Mayenburg, *O Despertar da Primavera* (2004) de Frank Wedekind e *Woyzeck* (2005), enc. de Nuno Cardoso; *A Família Schroffenstein* (2004) de Heinrich von Kleist e *A Cadeira* de Edward Bond, enc. Luís Miguel Cintra. Em 2004 participou ainda na série *Até Amanhã Camaradas*, realizada por Joaquim Leitão, na curta-metragem *B.D.*, realizada por Jacinto Lucas Pires, e no projecto *Pavilhões das Maravilhas*, de Antonio Catalano, produzido pelo Centro de Pedagogia e Animação do CCB (com o qual colabora regularmente), integrado no Festival Percursos.



JACINTO LUCAS PIRES

Nasceu no Porto, a 14 de Julho de 1974; vive em Lisboa. Licenciou-se em Direito pela Universidade Católica. Publicou vários livros pela editora Cotovia, entre os quais *Azul-turquesa* (ficção, 1998), *Abre para cá* (contos, 2000), *Livro usado* (viagem ao Japão, 2001), *Escrever, falar* (teatro, 2002), *Do sol* (romance, 2004), *Figurantes* (teatro, 2005). Escreveu e realizou as curtas-metragens *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). Escreveu várias peças de teatro, entre as quais *Universos e Frigoríficos* (1998, CCB/APA, enc. Manuel Wiborg), *Arranha-Céus* (1999, TNS)/Teatro Bruto, enc. Ricardo Pais), *Escrever, falar* (2001, Maus Hábitos/.lilástico, enc. Marcos Barbosa), *Coimbra b* (2003, Coimbra Capital da Cultura/.lilástico, enc. Marcos Barbosa). *Figurantes* (2004, Teatro Nacional São João, enc. Ricardo Pais). Escreve regularmente em jornais e revistas.

SARA AMADO

Nasceu em Lisboa, a 5 de Maio de 1975. Licenciou-se em Arquitectura de Interiores pela Faculdade de Arquitectura da UTL e concluiu a Formação Complementar com ingresso na Ordem dos Arquitectos em 2001. Fez o curso de Desenho na Sociedade Nacional de Belas Artes entre 1995 e 1998. Estagiou na RTP em Cenografia de Televisão em 1998. Estagiou e colaborou no atelier de arquitectura ARXportugal entre 1999 e 2000 e com o designer Pedro Silva Dias em 2001. Pertence ao .lilástico desde 2000 e fez a cenografia e os figurinos de espectáculos como *Variações sobre os patos*, de David Mamet, *Escrever, falar, Os dias de hoje* e *Coimbra b* de Jacinto Lucas Pires e *Perdoar Helena* de José Tolentino Mendonça. Autora dos figurinos para *Pervertimentos*, de J. Sanchis Sinisterra, encenação de Marcos Barbosa, prémio da Mostra Estatal de Teatro de Nuevo León, México, 2002. Direcção de Arte e Guarda-roupa da curta-metragem de Jacinto Lucas Pires *B.D.* (2004). Autora do projecto T-bag (T-shirts/sacos), vencedor do concurso Designwise 2.0, 2004. Autora de diversos projectos/obras de interiores em casas particulares desde 2000.

JOSÉ ÁLVARO CORREIA

Nasceu em Lisboa, em 1976. Concluiu o bacharelato em Design de Luz e Som na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, em 1999. Iniciou o seu percurso teatral no projecto *Quarto Período – O do Prazer*, orientado por António Fonseca. Foi responsável pelo desenho de luz de diversos espectáculos produzidos pelo Teatro Bruto, Teatro Plástico, Teatro Universitário do Minho, Ao Cabo Teatro, Ililástico, Ensemble – Sociedade de Actores, Teatro Aberto e As Boas Raparigas. Trabalhou com os encenadores António Fonseca, Rogério de Carvalho, Mário Barradas, Luís Assis, José Carretas, Marcos Barbosa, Pierre Voltz, Andrzej Sadowski, Afonso Fonseca, João Lourenço, entre outros. Desde 2001, trabalha regularmente com Nuno Cardoso: *Antígona* a partir de Sófocles, *Antes dos Lagartos* de Pedro Eiras, *Purificados* de Sarah Kane, *Valparaíso* de Don DeLillo, *Parasitas* de Marius von Mayenburg, e *O Despertar da Primavera* de Frank Wedekind. Já este ano, foi responsável pelo desenho de luz de *Dia Maior*, coreografia de Né Barros (Balletteatro/TNSJ). Orientou vários *workshops* e acções de formação na área de iluminação para espectáculos.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

DANÇA 25, 26 E 27 DE FEVEREIRO
das 16h00 às 20h00 · Grande Auditório · Duração 4h00

Bal Moderne

A fórmula é conhecida por todos (e foram tantos!) que vieram ao *Bal Moderne* à Culturgest o ano passado.

Três danças de aproximadamente 3 minutos cada, especialmente concebidas por coreógrafos consagrados ou que agora se revelam, são ensinadas ao público num Baile. Cada dança aprende-se em 45 minutos, num ambiente descontraído, divertido, de festa. O contrário de uma aula de dança convencional e mais descontraído do que uma discoteca da moda.

Nem a idade, nem a aptidão para dançar constituem um obstáculo ao prazer de participar no Baile - a mistura equilibrada das diferentes danças propostas durante a matiné leva a que toda a gente encontre a que mais tem a ver consigo. As danças são concebidas para não excluir ninguém, nem mesmo aqueles que venham sem par ou que achem que não têm jeito para dançar.

Um *DJ* mantém as pessoas na pista de dança. Entre cada sessão de 45 minutos, há uma pausa de 15 minutos. Tempo para dançar livremente, ou para descansar, conversar ou ir ao bar tomar qualquer coisa. Depois de aprendidas as 3 coreografias, o baile prossegue. O *DJ* põe a música, as pessoas dançam livremente. De vez em quando volta-se às coreografias que foram aprendidas.

Poucos projectos aliam de forma tão simpática a arte com a grande e as práticas artísticas amadoras. O *Bal Moderne* foi criado em 1993 por Michel Reillac, em Paris. Teve um êxito imediato. Em 1996 a companhia ROSAS, de Anne Teresa De Keersmaeker, em colaboração com o KunstenFESTIVALdesArts, convidou o *Bal Moderne* a ir pela primeira vez a Bruxelas e a partir daí tornou-se seu produtor. O *Bal* é um enorme sucesso por todo o lado onde se apresenta, e já foi a França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Canadá, Suíça, Inglaterra, Portugal.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino

Paulo Abrantes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnicos Auxiliares

Tiago Bernardo

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

